



POEMAS

EDWARD LOONY (Pseudónimo)



1912

As rendas nas janelas, o gato no colo;

A lareira aquecendo um viver solitário;

Os serviços das Índias; a mobília de mogno

Comprada em 1912.

Os livros da Avó; o chá ardendo sem pressa;

As visitas que não chegam; os netos que não vêm

Nem virão nunca;

A agulha de crochet num vaivém imperceptível,

Imperecível.

Retratos de sisudos senhores de bigode;

As lunetas redondas; os postais picotados,

Recordação de umas férias em Pedrouços; correram os anos

E ninguém soube.

Nem sequer o relógio, no pulsar impiedoso dos minutos.

Como em 1912.

(Março de 1984)



POEMAS

EDWARD LOONY (Pseudónimo)



ABRIL

A Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004)

Onde despontas rompem madrugadas;

Rasgam-se os céus; distendem-se os rios;

Florescem os sonhos; soltam-se os cânticos,

Espalhando-se coloridamente pelos dias.

(Abril de 1984)



POEMAS

EDWARD LOONY (Pseudónimo)



METAPOEMA

A Eugénio de Andrade (1923-2005)

*Dormindo no leito dos rios, as palavras luzem
No seu enigma encantado e transparente,
Como cristais virgens onde a escrita e a voz
Esculpirão vértices.*

(Janeiro de 1985)



POEMAS

EDWARD LOONY (Pseudónimo)



DÚVIDA

Aqui tudo me fala dos dias destruídos,

Da alegria tão cedo interrompida.

Serão meus ainda os sonhos que morreram

Esquecidos, estrangulados pelas esquinas do tempo?

Ou acaso vivem, se deles já só recordo

A sua inconsistência?

(Fevereiro de 1984)